

Viriato e a resistência Lusitana (179 - 139 a.C.)

Após a segunda guerra púnica (1) (218-201 a.C.), Roma dominava o Leste e o Sul da Península Ibérica. As zonas Oeste e Norte eram ainda dominadas por populações indígenas (iberos) e celtas. Uma federação de tribos Lusitanas, que habitavam as regiões mais ocidentais, resistiu à penetração romana, sob a liderança brilhante de Viriato, de 147 a 139 a.C.

As batalhas entre tribos Lusitanas e o império romano tiveram início cerca do ano 193 a.C. Supõe-se que Viriato, filho de Comínio, terá nascido em Lobriga, depois chamada Lorica pelos romanos, actual Loriga, nos Hermínus, actual Serra da Estrela, e que terá tido de algum modo acesso a vários aspectos culturais e experiências, para além das actividades de pastor de rebanhos e caçador, que lhe permitiram desenvolver a guerra de guerrilha, com estratégias e táticas sofisticadas, chegando mais tarde a dialogar positivamente com os representantes de Roma, e alcançando inclusive a designação de “Amicus Populi Romani”, ou seja, aliado em paz com Roma.

Em 150 a.C., o pretor romano Sêrvio Sulpício Galba aceita uma proposta de paz, em que se incluía o desarmamento dos Lusitanos. No entanto, Galba não cumpriu a sua parte do acordo, procedendo ao massacre de cerca de 10 mil Lusitanos, sendo outros 20 mil enviados para a Gália, onde foram vendidos como escravos. Viriato foi, afortunadamente, um dos poucos sobreviventes a esta chacina.

Viriato aparece na História quando, em 147 a.C., se opõe à rendição dos Lusitanos a Caio Vetílio, que os tinha cercado no vale de Betis, na Turdetânia. Viriato lembra aos seus companheiros a traição anterior de Galba.

A fama de Viriato como guerreiro e estratega foi crescendo entre as várias tribos lusitanas, o que lhe permitiu vir a tornar-se o líder efectivo de uma coligação de tribos Lusitanas, pela primeira vez na história unidas por um objectivo comum.

Derrota os romanos no desfiladeiro de Ronda, que separa a planície do Guadalquivir da costa marítima da Andaluzia, fazendo nas fileiras inimigas uma espantosa chacina, tendo sido morto o próprio Vetílio.

Em 145 a.C., Quinto Fábio Máximo, irmão de Cipião “O Africano”, é nomeado cônsul na Hispânia Citerior e é encarregado da campanha contra Viriato ao comando de duas legiões. Ao princípio tem algum êxito, mas Viriato recupera e em 143-142 a.C. volta a derrotar os romanos em Baecula e obriga-os a refugiar-se em Córdova.

Simultaneamente, seguindo o exemplo do chefe Lusitano, as tribos celtibéricas da Hispânia Citerior (Belos, Títos e Arevacos) revoltavam-se contra as prepotências romanas, acendendo uma luta que só terminaria em 133 a.C., com a queda de Numância.

Em 140 a.C. Viriato derrota o novo cônsul Fábio Máximo Serviliano, matando mais de 3.000 romanos, encurralando o inimigo e podendo destruí-lo; no entanto, deixou Serviliano libertar-se da posição desastrosa em que se encontrava, em troca de promessas e garantias de os Lusitanos conservarem o território que haviam conquistado. Em Roma, esse tratado de paz foi mais tarde considerado humilhante e vexatório; como consequência, o Senado romano volta atrás na sua palavra, e declara guerra a Viriato.

A destruição de Cartago, o principal centro de oposição ao poder de Roma, terá sido um elemento importante na viragem da guerra, pois Roma pôde reforçar as suas tropas nas restantes frentes, incluindo, claro, a frente ibérica.

Em consequência da atenção e poder militar concentrado de novo na Ibéria, para além da desmilitarização Lusitana que entretanto aconteceu, as tropas romanas conseguem levar Viriato a refugiar-se a norte do rio Tejo, num lugar denominado “monte de vénus” (presumivelmente localizado entre Cáceres e Badajoz). Face aos avanços do general romano Quinto Servílio Cipião, Viriato enviou-lhe três emissários (Audax, Ditalco e Minuro) para negociar a paz, mas estes acabam subornados pelos romanos que lhes prometem avultada soma a troco do assassinato do chefe Lusitano.

Em 139 a.C., Viriato foi assassinado durante o sono, por estes mesmos três emissários. Após o assassinato, estes refugiaram-se junto do procônsul romano Servílio Cipião, reclamando o prémio prometido. No entanto, num acto de suprema hipocrisia, o procônsul ordenou a sua execução, tendo ficado os três expostos em praça pública com os dizeres “Roma não paga a traidores”.

O exército Lusitano, chefiado por Táutalo, até então o braço direito de Viriato, tentou ainda uma incursão contra os territórios do Sul, mas foi vencido.

Depois da morte de Viriato, Decius Junius Brutus conseguiu finalmente marchar para Norte, através da Lusitânia central, e dominar a Gallaecia. Começou então, efectivamente, a ocupação romana do extremo ocidental da Península.

Após a governação de Júlio César, o imperador Augusto fundou a cidade de Emerita Augusta (hoje Mérida), no ano 25 a.C., tornando-a a capital da província romana Lusitânia, por ele constituída no ano 5 a.C.

A luta Lusitana pela independência continuaria ainda mais tarde, através do apoio a Sertório, e passando pela criação de um estado Lusitano na zona oeste da península Ibérica, no séc. I d.C.

A identificação de Portugal com a Lusitânia, e dos antecessores dos portugueses como sendo os Lusitanos (ideia que está na origem do título dos “Lusíadas” de Camões) é hoje largamente aceite nos meios académicos, e a criação da Lusitânia terá certamente tido influência na formação de um reino independente chamado Portugal, vários séculos mais tarde.

Algumas datas históricas:

- 446 a.C. - Chegada dos Celtas à Península Ibérica, os quais se instalaram na parte ocidental, onde hoje existem Portugal e Galiza. Foram os Celtas que estiveram na origem dos Lusitanos.
- 218 a.C. - Início da invasão romana da Península Ibérica, com o desembarque das tropas de Cneu Cipião.

- 180 a.C. - Nascimento de Viriato em Lobriga, depois chamada Lorica pelos romanos, actual Loriga, nos Hermínius, actual Serra da Estrela.
- 154 a.C. - Primeira grande batalha entre Lusitanos e romanos. Os Lusitanos, chefiados por Púnico, infligem pesada derrota aos romanos.
- 153 a.C. - Os Lusitanos, comandados por César, derrotam os romanos, provocando-lhes nove mil mortos.
- 151 a.C. - Sérvio Sulpício Galba, depois de oferecer paz e terras a milhares dos melhores combatentes Lusitanos, convence-os a entregar as armas, massacrando-os de seguida. Os poucos que não são mortos, são enviados para a Gália como escravos. Porém, alguns conseguem escapar, entre os quais, Viriato.
- 147 a.C. - Viriato é eleito Chefe pelos seus compatriotas. Os Lusitanos, liderados por Viriato, derrotam os romanos, matando milhares de soldados, entre os quais o seu comandante, o Pretor Caio Vetílio.
- 146 a.C. - Um exército pretoriano, comandado por Pláucio, é derrotado pelos Lusitanos, e milhares de legionários romanos morrem em combate. No mesmo ano, o Pretor Cláudio Unímiano perde todo o seu grande exército.
- 140 a.C. - Serviliano é derrotado por Viriato. Morrem mais de três mil romanos, e os restantes conseguem fugir a coberto da noite.
- 140 a.C. - Milhares de legionários romanos são encurralados pelas tropas Lusitanas, não tendo qualquer possibilidade de escapar. Num gesto de boa vontade, para acabar com a guerra, Viriato propõe aos romanos um tratado de paz que é aceite pelo Pretor romano e ratificado por Roma. Viriato é declarado “amigo de Roma” e os romanos comprometem-se a deixar os Lusitanos viver em paz nas suas terras.
- 139 a.C. - O Procônsul Servílio Cepião, com a autorização de Roma, ataca os Lusitanos e ordena o assassinato de Viriato. Viriato é morto na sua tenda durante a noite, enquanto dormia. Roma, a super-potência da época, orgulhosa da sua cultura e civilização, decidiu terminar assim, de forma cobarde, vergonhosa e desonrosa, com a resistência Lusitana. Porém, essa resistência iria continuar bastante activa, embora com menos baixas romanas, até meados do século seguinte.
- 40 a. C. - Data provável da conclusão da estrada e das duas pontes romanas que ligavam Lorica, nos Hermínius, Lusitânia, ao restante império romano.

Nota:

1. Segunda Guerra Púnica: segunda de uma série de guerras entre a República Romana e o Império Cartaginês (ou Púnico - palavra derivada de Phoenike, como os Fenícios eram então designados pelos romanos), das quais resultou a hegemonia romana sobre o Mediterrâneo Ocidental.